

CLIPPING

05 de Junho de 2019
O Liberal – Cidades, 08 – Atualidades.

PESQUISA

Aluno da UFPA tem baixa renda, aponta perfil

SOCIOECONÔMICO - Universitários também são os primeiros da família a cursar o ensino superior, diz levantamento da Universidade

Aos 26 anos, Rosalina Gomes Pinheiro é a primeira da família a chegar ao ensino superior.

Lisângela Coutinho Maciel, 19 anos, também é a primeira dos seis irmãos a cursar uma universidade.

Ambas são quilombolas e de famílias de baixa renda. As duas estudantes se enquadram no perfil do aluno da Universidade Federal do Pará, divulgado, ontem, pelo reitor da instituição, Emmanuel Tourinho. Os alunos são de famílias de baixa renda, primeiros da família a chegar ao ensino superior e muitos vivem no entorno da UFPA. E 85% dizem que a renda familiar per capita é de até um salário mínimo e meio. O resultado da pesquisa servirá de base para a elaboração de políticas públicas de inclusão e integração do estudante para que complete o curso de graduação com qualidade acadêmica. A UFPA é a maior Universidade do país em número de alunos de graduação, com

mais de 51 mil estudantes em 12 campi e dezenas de polos universitários que alcançam mais de 60 municípios paraenses.

Rosalina cursa Ciências Sociais. Entrou na UFPA em 2015 e pretende concluir o curso neste ano. "Desde o

85% dizem que a renda familiar per capita é de até um salário mínimo e meio

momento em que tu saís do quilombo (Rio Arapuzinho, no município de Abaetetuba) e chega aqui na comunidade, tu te deparas com uma realidade totalmente diferente. Eu saí muito cedo da comunidade, aos 11 anos, porque a escola lá era até a quarta série. E, para dar continuidade ao ensino fundamental tive que sair da comunidade e estu-

dar na cidade", conta. Uma das principais dificuldades é a financeira. "Quando você chega aqui, leva aproximadamente três meses para conseguir a bolsa permanência. No meu caso, essa problemática foi uma das maiores, porque tem o aluguel. Você vem pra cá e, às vezes, não tem parente para ficar morando junto. Precisa pagar aluguel, se alimentar, tirar cópias, como é o caso do meu curso, e precisa de dinheiro. E não dá para ficar comprando livros. Somos cinco filhos. Sou a primeira da família a estar aqui. É gratificante", afirmou.

Já Lisângela faz Licenciatura em História. Entrou em 2018. Também é daquela mesma comunidade. Disse que teve dificuldade na educação básica. "Os professores tinham que se deslocar da cidade para o interior. Sempre estudei no interior. Isso era algo muito complicado para os alunos da redondeza. E eles acabavam perdendo aula porque os professores tinham que se deslocar de um lugar para o outro", afirmou.

FOTOS: FÁBIO COSTA/LIBERAL



Lisângela Coutinho faz Licenciatura em História desde 2018



Rosalina Gomes cursa Ciências Sociais desde 2015 e pretende concluir o curso neste ano

RAIO-X

Estudantes dependem de recursos

Ainda segundo o levantamento, 70,2% dos alunos são mantidos financeiramente pelos pais. A mãe de 75% deles não tem ensino superior. No caso do pai, esse percentual é de 82%. A maioria (66,1%) tem entre 18 e 24 anos, 55% não trabalha e não está à procura de trabalho. No capítulo da diversidade, pretos, pardos e indígenas são 78,4%; 86,2% são cisgênero (pessoa cuja sua identidade e expressão de gênero correspondem ao sexo biológico ao qual foram designadas quando nasceram); 0,4% são transexuais; 78,6% são homossexuais e 75% são bissexuais. No perfil étnico, 61,3% se declara pardo. E mais: 44,6% dos estudantes participam de alguma atividade (iniciação científica, projetos de extensão, estágios, entre outros); 30,9% participam de algum movimento (movimentos estudantis, atléticas estudantis, entre outras). O levantamento mostrou, ainda, que, após se tornar universitário, 65,7% lê mais, 13,2% vai mais ao teatro, 48,2% frequenta mais os cinemas e 28,2% vai menos a shows.